

Trajetórias e transformações transatlânticas da Festa do Divino Espírito Santo nas Américas

Fabiene Passamani Mariano¹
Renata Siuda-Ambroziak²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.60504>

Resumo: A Festa do Divino Espírito Santo acontece atualmente em todo mundo aonde chegou a imigração açoriana, principalmente nas duas Américas, onde os festejos evidenciam a ocorrência de adaptações, ressignificações culturais e inovações como resultado das suas trajetórias transatlânticas. Para mostrar como esta tradição religiosa está sendo preservada e, ao mesmo tempo, modificada, analisaremos brevemente os exemplos da sua difusão nos EUA, no Canadá e no Brasil. Ressaltamos que as trajetórias transatlânticas da Festa têm operado, ao mesmo tempo, como um instrumento de continuidade e transformação, e não como um fator de enfraquecimento desta tradição cultural nas Américas e que a razão da popularidade da Festa se assenta principalmente no sistema de trocas e nos mecanismos de reciprocidade que ela promove nas comunidades locais - um elemento comum para todas as Festas do Divino.

Palavras-chave: Festa do Divino, transformações, trajetórias transatlânticas, reciprocidade.

Transatlantic trajectories and transformations of the Feast of the Divine Holy Spirit in the Americas

Abstract: The Feast of the Divine Holy Ghost happens nowadays all over the world where the Azorean immigration arrived, mainly in the two Americas, where the festivities evidence the occurrence of adaptations, cultural re-significations and innovations as a result of their transatlantic trajectories. To show how this religious tradition is being preserved and, at the same time, modified, we will briefly analyze the examples of its

¹ Doutora em História, professora do Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes e pesquisadora do Laboratório de Estudos do Movimento Migratório (LEMM) - Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. E-mail: fabienepassamani@gmail.com

² Doutora em Filosofia Social, pós-doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Centro de Estudo Americanos da Universidade de Varsóvia, Polônia e professora visitante da UERJ (PPG em História Social). E-mail: r.siuda@uw.edu.pl

diffusion in the USA, Canada and Brazil. We emphasize that the transatlantic trajectories of the Feast have operated, at the same time, as an instrument of continuity and transformation, and not as a factor of weakening of this cultural tradition in the Americas and that the reason for the popularity of the Feast is mainly based on the exchange system and the reciprocity mechanisms it promotes in local communities - a common element for all the Festas do Divino.

Key-words: Festa do Divino, transformations, transatlantic trajectories, reciprocity.

Trayectorias transatlánticas y transformaciones de la Fiesta del Divino Espíritu Santo en las Américas

Resumen: La Fiesta del Divino Espíritu Santo ocurre hoy en día en todo el mundo donde llegó la inmigración azoriana, principalmente en las dos Américas, donde las fiestas evidencian la ocurrencia de adaptaciones, resignificaciones culturales e innovaciones como resultado de sus trayectorias transatlánticas. Para mostrar cómo se preserva y, al mismo tiempo, se modifica esta tradición religiosa, analizaremos brevemente los ejemplos de su difusión en Estados Unidos, Canadá y Brasil. Destacamos que las trayectorias transatlánticas de la Fiesta han operado, al mismo tiempo, como un instrumento de continuidad y transformación, y no como un factor de debilitamiento de esta tradición cultural en las Américas y que la razón de la popularidad de la Fiesta se basa principalmente en el sistema de intercambio y los mecanismos de reciprocidad que promueve en las comunidades locales - un elemento común para todas las Festas do Divino.

Palavras chave: Festa do Divino, transformaciones, trayectorias transatlánticas, reciprocidad.

Recebido em 20/07/2021 - Aprovado em 30/08/2021

Introdução

Os festejos decorrentes do culto do Espírito Santo são designados nos Açores como “Festas do Espírito Santo” ou “Impérios”, no Brasil como “Festas do Divino Espírito Santo” ou, simplesmente, “Festas do Divino” e na América do Norte como “*Holy Spirit Feasts*” ou “*Holy Ghost Festivals*”. Tendo em vista sua ampla difusão, essa celebração é considerada a mais importante festa de tradição cultural açoriana no mundo.

A origem histórica da festa do Espírito Santo remonta a Portugal continental, entre o final do século XIII e início do século XIV, e apresenta como protagonista a rainha Isabel de Aragão, esposa do rei D. Dinis, vinculada à construção da Igreja do

Espírito Santo em Alenquer e à criação do ritual festivo. A partir de então, a devoção teria se difundido fortemente no arquipélago dos Açores, tornando-se um dos traços principais da cultura açoriana, com todas as suas peculiaridades regionais e diversidades locais.

As Festas do Espírito Santo nos Açores ocorrem quase sempre em resposta a alguma promessa individual relacionada à riqueza ou a questões de saúde, onde a graça recebida é “paga” através da realização de um ritual festivo em homenagem ao Espírito Santo. Entretanto, existem também outras motivações que desencadeiam a realização de um “Império³” nos Açores. A Festa é encarada, historicamente, como uma espécie de garantia do bem-estar individual e coletivo, relacionada à proteção dos devotos da ocorrência de abalos sísmicos, crises vulcânicas, epidemias (MARTINS, 1983) ou colheitas agrícolas insuficientes. De forma mais recente, entre as principais motivações das Festas também consta o agradecimento pelo sucesso na emigração, impulsionando as viagens de retorno (temporário) dos imigrantes açorianos ao território de origem para a sua organização. De acordo com Leal (2017, p.56), as festas passaram a ser utilizadas como instrumento de exibição do sucesso dos emigrantes na América.

O destaque da Festa continua direcionado a quem desempenha o papel de imperador, seja pela promessa, seja pela indicação ou sorteio. Independente da forma de escolha do imperador, com relação à formação do seu grupo de apoio, as relações de parentesco e vizinhança estão sempre entre os principais critérios. Geralmente é o imperador quem define a sua rede de cooperação e a divisão das tarefas. Além de se responsabilizar pela organização da “função”, o imperador também deverá cumprir o programa ritual estabelecido para a ocasião.

O período tradicionalmente consagrado para a realização das Festas do Espírito Santo nos Açores é conhecido como “tempo dos Impérios” e a maioria das Festas converge para o domingo de Pentecostes e para o dia seguinte, a segunda-feira de Pentecostes. No entanto, recentemente, por causa dos deslocamentos temporários de emigrados de volta aos Açores para a organização das Festas, aumentou o número dos chamados “Impérios fora do tempo”. Isso ocorre devido à disponibilidade dos imigrantes estar vinculada ao período de férias, que geralmente não coincide com os meses em que se realizam, tradicionalmente, as Festas nos Açores. Por consequência da duração das férias, no lugar das sete ou oito semanas usuais, os Impérios passaram a durar cerca de duas ou três semanas apenas. Mesmo após essa contração no tempo, as Festas do

³ Além de nomear as Festas do Espírito Santo nos Açores, o termo “Império” também se utiliza para designar as estruturas que se assemelham a pequenas capelas que, durante os dias da Festa, servem de apoio para socialização e distribuição de alimentos, bem como para a guarda das insignias do Divino.

Espírito Santo nos Açores ainda conservam intactas grande parte das suas características tradicionais (LEAL, 1994, p. 43).

Os rituais da Festa do Espírito Santo nos Açores estão divididos em duas categorias sequenciais: a “fase preliminar dos Impérios” e o “Dia de Império” - ponto culminante dos festejos. Entre todos os rituais da Festa, a cerimônia de coroação é considerada a de maior simbolismo e destaque. Realizada pelo padre, consiste em impor, de forma solene, a coroa sobre a cabeça do imperador, respeitando um cerimonial eclesiástico. Em algumas localidades dos Açores, a coroação não incide sobre o imperador, e sim sobre um(a) filho(a) ou parente dele, com idade entre quatro e oito anos.

Além da coroa, outro símbolo comumente utilizado é a “bandeira do Espírito Santo”. Confeccionada em damasco de seda, na cor vermelha, geralmente é ornada com franjas douradas e bordada com motivos da simbologia do Espírito Santo.

Outro destaque que merece ser mencionado sobre as Festas do Espírito Santo nos Açores é a circulação cerimonial do alimento, que pode acontecer em forma de refeições, doações ou retribuições e atinge dimensões bastante expressivas quando consideramos a quantidade de víveres distribuídos, bem como o grande número de pessoas. Todos os mantimentos são consumidos de forma gratuita, ajudando na socialização entre os participantes (MEDINA, 2007, p. 7).

Em algumas freguesias distribuem-se também as “esmolas⁴” ou “pensões” para as pessoas que fizeram doações em prol da organização da Festa.

Entre os alimentos consumidos na função, o carro-chefe é a sopa do Espírito Santo⁵, geralmente acompanhada do cozido açoriano⁶, da alcatra⁷, da massa sovada⁸ e de outros tipos de pães. Além de fartos banquetes, ressaltamos que a realização das refeições cerimoniais também demanda grande consumo de vinho e a organização de um “arraial”, ou seja, um momento de socialização entre todos os participantes, que se divertem ao som de atrações musicais. As arrematações (espécie de leilão, cujo valor arrecadado é

⁴ O conteúdo das esmolos (ou pensões) pode variar um pouco, mas, normalmente, são compostas por porções de carne, pães, vinho e a sopa do Espírito Santo. Geralmente, são entregues pelos imperadores (ou seus assistentes) como ato simbólico do pagamento de suas promessas (MARIANO, 2019, p.137).

⁵ A Sopa do Divino é preparada com carne bovina, canela, hortelã, servida com fatias de pão embebidas no caldo.

⁶ O cozido açoriano é feito à base de carne de porco, frango, toucinho, chouriço, couve e legumes.

⁷ Nos Açores, a alcatra não significa apenas um corte bovino, e sim um modo especial de preparo da carne. Um prato tradicional da Ilha Terceira, em que a carne bovina é cozida em um tacho de barro, num caldo preparado com vinho e especiarias.

revertido em favor do Império) que ocorrem no arraial também contribuem para animar os festejos após os rituais de cunho religioso.

FIGURA 1 – BENÇÃO DOS PÃES NA FESTA DE SÃO BRÁS, ILHA TERCEIRA – AÇORES.



Fonte: Mariano (2012)

Com a chegada da imigração açoriana, a Festa do Divino Espírito Santo tornou-se muito popular nas duas Américas, evidenciando a ocorrência de adaptações, ressignificações culturais e inovações no *script* ritual⁹ dos festejos. A inserção de costumes locais em sua execução, aliada ao desuso de alguns elementos permitiu o surgimento de novas possibilidades na celebração festiva. Dessa forma, tais modificações são responsáveis por uma renovação contínua nos sentidos e significados da Festa. Para mostrar como esta tradição religiosa está sendo preservada e, ao mesmo tempo, transformada por meio da inserção nos novos contextos culturais e sociais das Américas,

⁸ A massa sovada é um tipo de pão, feito com farinha de trigo, ovos, açúcar, manteiga, banha e fermento.

⁹ *Script* ritual é o termo utilizado por Leal (2017) para descrever as etapas existentes na realização das Festas do Espírito Santo.

analisaremos os exemplos da sua difusão transatlântica por meio da pesquisa bibliográfica e observações participantes.

Ressaltamos neste artigo que as trajetórias transatlânticas da Festa têm operado, ao mesmo tempo, como um instrumento de continuidade e transformação, e não como um fator de enfraquecimento desta tradição cultural nas Américas. Acreditamos, de acordo com as teorias de Mauss (2003, p. 191), que a razão da popularidade da Festa se assenta principalmente no sistema de trocas, aplicado não somente a coisas úteis economicamente, mas também a amabilidades, ritos e festas... A coexistência religiosa e sociológica de uma dádiva promove a relação entre o indivíduo e a divindade, mas também se posiciona a serviço das relações sociais com os mecanismos de reciprocidade, constituindo um elemento comum para todas as Festas do Divino, independentemente do lugar onde são realizadas.

A Festa do Divino no Brasil

A difusão das Festas do Espírito Santo no Brasil está diretamente ligada aos processos migratórios açorianos. No entanto, em cada lugar onde a Festa se instala, ela adquire traços fortes da cultura local. Essas influências culturais tornam-se ainda mais evidentes, tendo em vista a amplitude geográfica, a composição étnica do país e o fato do Brasil ser o primeiro destino da difusão, com os festejos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul já registrados no final do século XVIII (LEAL, 2017, p. 38).

Nos séculos seguintes, outras localidades brasileiras também passaram a celebrar o Espírito Santo por influência dos açorianos, como no caso de Viana - ES, cuja celebração da primeira festa se remete ao início do século XIX (BALESTRERO, 2012, p. 154), e da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com relatos do pintor francês Jean Baptiste Debret (1989, p. 211).

Acerca do quantitativo e da localização das festas do Divino no Brasil, Leal (2017) considera não ser possível determinar exatamente essa amplitude, justificando tal impossibilidade pela maior visibilidade das Festas do Divino realizadas com apelo turístico, em detrimento das Festas mais intimistas, apenas com abrangência local. No entanto, a dependência da herança cultural açoriana é sempre uma forte determinante da existência da Festa num lugar concreto.

A vinda de açorianos para o Brasil teve início a partir de meados do século XVI, quando a Coroa Portuguesa passou a incentivar o recrutamento de famílias para atuarem no processo de colonização do território brasileiro. Nos dois séculos posteriores, os incentivos políticos a esse movimento migratório no Brasil foram intensificados a partir do custeio do transporte e da doação de terras, ocasionando o aliciamento de um grande quantitativo de colonos.

O movimento migratório do século XVII, marcado pela numerosa e intensa saída de açorianos rumo ao Brasil, teve como principais destinos as Capitanias do Pará, do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco. Um processo quase sempre organizado pela Coroa, visando o atendimento de interesses políticos para suprir a necessidade de colonizar e defender as regiões fronteiriças do Norte (Maranhão e Pará) e do Sul (Sacramento, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Essa atitude, ao mesmo tempo, atendia às solicitações dos habitantes e das autoridades políticas dos Açores, que enxergavam os processos migratórios como oportunidades de contornar as dificuldades econômicas e sociais presentes no arquipélago.

O movimento migratório de saída de açorianos sofreu uma intervenção legal a partir da promulgação da lei de 4 de julho de 1758. Sob o argumento da escassez de mão de obra nas diversas ilhas do arquipélago, essa lei limitava o processo migratório, visando à permanência de trabalhadores nas ilhas e, com isso, à normalização da vida nos Açores, conforme apontam Cordeiro e Madeira (2003). Entretanto, logo no início do século XIX, alguns fatores corroboraram para a retomada oficial desse fluxo migratório, que durou pouco mais de duas décadas: o interesse da Coroa portuguesa em continuar a ocupação do litoral do Brasil, evitando invasões e a exploração de terras por outros países; as catástrofes naturais nos Açores; as dificuldades econômicas geradas pelas crises cíclicas cerealíferas; o atraso tecnológico, as questões sociais e familiares ocasionadas pelo aumento demográfico dos açorianos (MATOS, 2013; PIAZZA, 1998, p. 43-46).

A partir da segunda década do século XIX, com as incertezas geradas pela Independência do Brasil em 1822, esse processo foi interrompido. Superadas as instabilidades políticas e administrativas, a emigração açoriana para o Brasil foi retomada a partir da década de 1830, porém, num formato diferente do que ocorria anteriormente – já sem financiamentos e/ou direcionamentos. O processo da emigração portuguesa para o Brasil continuou ainda no período de Entre Guerras, até o início dos anos 1960.

Atualmente, as Festas do Divino, trazidas como bagagem cultural dos açorianos, aparecem no Brasil com representatividade garantida em quase todo território. De forma semelhante ao que ocorre nos Açores, a data preferencialmente utilizada para a realização das Festas do Divino é o domingo de Pentecostes. No entanto, em alguns contextos rurais, sua celebração pode ocorrer em outras datas, principalmente quando vinculadas a acontecimentos especiais, outras festas religiosas ou coincidindo com o ciclo das colheitas. Pela grande quantidade de Festas realizadas no Brasil e pela particularidade de serem realizadas junto a outras festas (católicas ou não)¹⁰, elas adquirem a especificidade

¹⁰ O sincretismo religioso afro-brasileiro constitui-se como uma particularidade das Festas do Divino no Maranhão, especialmente na Baixada Maranhense e em São Luís, onde ocorrem em terreiros dedicados às religiões de origem africana, nas casas de Tambor de Mina. De acordo com

de serem realizadas durante quase todo o ano, sofrendo, ao mesmo tempo, “processos de transformação, de diferenciação, de hibridização. Também aqui [no Brasil] se aplica a expressão ‘a cada canto seu Espírito Santo’” (LEAL, 2017, p. 58). Essa expressão, comumente utilizada nos Açores, intensifica a diversidade presente nos rituais e nos modos de fazer a Festa.

De uma forma geral, a simbologia do Divino utilizada no Brasil é similar à que se utiliza nos Açores - a coroa, a pomba e a bandeira do Divino -, podendo variar de acordo com a região.

FIGURAS 2, 3 – A SIMBOLOGIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO BRASIL



Araújo (1964, p. 31), a celebração do Divino no Maranhão “está ligada aos pretos, fenômeno sociológico digno de nota, pois tal festa, noutras partes do Brasil é tipicamente de branco”. Nessa especificidade, as homenagens e demais rituais dedicados ao Divino coexistem com homenagens a outras divindades não católicas, de origem africana. Há também celebrações, Marabaixo e o Sahiré, estudados por Nunes Pereira (1989), relacionados a grupos afrodescendentes do Amapá e Amazonas ou praticadas por grupos indígenas da região Norte (Amazonas, Pará e Amapá), existindo atualmente de forma mais restrita.



Fonte: Siuda-Ambroziak (2018)

Um símbolo muito utilizado nas Festas do Brasil é o mastro - feito a partir de um tronco de árvore e decorado com uma pequena bandeira vermelha em sua extremidade. Além de simbolizar o Espírito Santo, o mastro também serve para sinalizar o local de realização da Festa. Algumas Festas no Brasil possuem a particularidade de ter uma pomba de madeira ou pombas vivas como principal representação do Espírito Santo.

Geralmente os símbolos coexistem com a coroa. Por exemplo, em Mogi das Cruzes-SP, no sábado da Festa ocorre a “concentração das bandeiras” e o ritual conhecido como “levantamento do mastro”, no qual as maiores honras passam a ser prestadas e recebidas pelo casal de “capitão do mastro”. Antes de saírem em procissão, todos os presentes rezam e partilham um lanche servido com a “rosa-sol” - uma bebida tradicional feita com de aguardente de cana, açúcar, cravo, canela, erva-doce, noz moscada e casca de limão. No domingo, por volta das 16 horas, os fogos anunciam o início da procissão na qual as alas¹¹ fazem várias paradas, enquanto o bispo realiza

¹¹ A procissão é organizada em alas, obedecendo a seguinte ordem: os grupos folclóricos, as irmandades, as crianças que representam as virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, os jovens que representam os sete dons do Espírito Santo, o bispo, o padre, os ministros e coroinhas da igreja, o casal de imperadores, o casal capitão do mastro, o andor com a imagem do Divino, os ex-imperadores, a banda de fanfarras da cidade, os devotos e, por último, o povo em geral.

pregações sobre os sete dons do Espírito Santo. Em seguida, os adolescentes que representam os dons do Espírito Santo soltam as pombas brancas que carregam em gaiolas. Quando a procissão se aproxima do local onde foi montado o grande tapete ornamental, o primeiro a passar é o bispo, em seguida, o casal de imperadores e seus auxiliares, o andor com a imagem do Divino, os representantes das ordens religiosas e, por último, os demais devotos. Essa ordem evidencia “simbolicamente a subordinação hierárquica da sociedade civil e política à ordem eclesial, e cada uma dessas esferas também com suas estratificações” (MORAES, 2003, p. 121). O cortejo termina com a entrada da imagem do Divino na catedral, carregado por soldados do exército, expressando “simbolicamente, a subordinação do poder militar à esfera religiosa” (MORAES, 2003, p. 121).

Quanto aos encargos, ou seja, aos papéis desempenhados na organização da Festa, no Brasil, predomina o título de imperador¹², tendo sua nomenclatura por vezes substituída por “festeiro” ou “mordomo”. Em algumas localidades, os papéis de imperador, e outros a ele associados, também podem ser desempenhados por crianças ou adolescentes. A realização das Festas geralmente depende do apoio de rede de contatos dos imperadores – família, vizinhança e comunidade. Entretanto no Brasil, os imperadores, apesar de responderem pela organização dos festejos, não gozam de muita autonomia, ao contrário dos imperadores nos Açores. Tanto na parte religiosa, quanto na parte secular, eles são apresentados a um *script*, que deve ser seguido sem questionamentos. Por exemplo, em Viana-ES, os imperadores não gozam de total autonomia para decidir a organização da Festa. Na verdade, as decisões são tomadas em conjunto com a equipe de organização, vinculada à Igreja católica local (MARIANO, SIUDA-AMBROZIAK, 2020, p. 94). Em alguns casos, os festejos também podem ser organizados pelas irmandades¹³. No passado, as Festas do Espírito Santo eram geralmente protagonizadas por pessoas de classes sociais menos abastadas, sobretudo até o século XX. Entretanto, essa característica nunca foi um impeditivo para sua circulação entre as elites locais, políticas e intelectuais. Esse fato pode ser comprovado a partir dos

¹² De acordo com Cascudo (2000, p. 199), “o prestígio dos festejos do Divino no Brasil era tão intenso que o título de Imperador do Brasil foi escolhido, em 1822, pelo ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, porque o povo estava mais habituado com o nome de Imperador, do que com o nome de Rei”.

¹³ De acordo com Contins e Gonçalves (2008, p. 70), no Rio de Janeiro existem irmandades religiosas, geralmente encabeçadas por imigrantes açorianos, que se responsabilizam pela organização das Festas do Divino. Estas se situam “em Vila Isabel, na Tijuca, no Catumbi, no Engenho de Dentro (Irmandade do Outeiro), no Encantado, na Baixada Fluminense (Olinda) e uma no bairro da Engenhoça, em Niterói”, além da Irmandade da Casa dos Açores do Rio de Janeiro (CARJ), situada na Tijuca.

processos de registro da Festa como patrimônio imaterial, sejam eles em âmbito nacional, estadual e até mesmo municipal¹⁴.

Além dos imperadores, as Festas também podem agregar outros personagens à sua realização. Um exemplo disso é a presença das folias, principalmente nos estados de Goiás e São Paulo. Os foliões percorrem as casas dos devotos realizando o peditório e conduzindo homenagens ao Divino Espírito Santo (fig.3). Outro exemplo vem do Maranhão, onde a condução musical dos festejos é realizada pelas Caixeiros do Divino: “senhoras devotas que cantam e tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia. [...] portadoras de uma rica tradição que se expressa nas cantigas que pontuam cada uma das etapas da festa” (PACHECO; GOUVEIA, 2005, p. 2).

Em Viana-ES, sete famílias são escolhidas pela equipe de organização e recebem as bandeiras dos dons do Espírito Santo, cada uma de um dom diferente: fortaleza, sabedoria, ciência, conselho, entendimento, piedade e temor de Deus (fig.4). As bandeiras são hasteadas nas fachadas das casas, simbolizando a presença do sagrado naquele local. Algumas famílias fazem decorações alusivas ao Divino junto às bandeiras e preparam altares no interior das residências para receber as equipes da Igreja. Cada casa recebe a visita num dia diferente e, na ocasião, são realizadas orações junto das famílias anfitriãs (MARIANO, SIUDA-AMBROZIAK, 2020, p. 93).

¹⁴ Festas do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - GO e de Paraty - RJ foram registradas como patrimônio imaterial do Brasil, realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); Festa do Divino Espírito Santo da Irmandade do Divino Espírito Santo, reconhecida como patrimônio imaterial catarinense pelo Governo de Santa Catarina, e a Festa do Divino de Piracicaba - SP, registrada como patrimônio imaterial municipal.

Figura 4 – FAMÍLIA RECEBENDO UMA DAS BANDEIRAS DOS SETE
DONS, VIANA-ES



Fonte: Mariano (2017)

Entre os ajudantes mais diretos do imperador em Mogi das Cruzes-SP, merece destaque o casal “capitão do mastro” – (invenção local) que auxilia os festeiros tanto na organização, quanto nos rituais. Eles também têm a sua bandeira benzida na abertura do império e, depois dos imperadores - festeiros, eles ocupam a posição de maior destaque dentro da estrutura da Festa. São eles também que se responsabilizam por percorrer os lares de idosos e os hospitais para que os devotos enfermos ou com dificuldades de locomoção possam prestar homenagens à bandeira do Divino. O ritual da passagem das bandeiras do Divino Espírito Santo nos hospitais acontece também em outros lugares, como, por exemplo, em Gravataí.

Os mesmos rituais adotados nas Festas do Divino no Brasil podem variar muito, assim como a sua quantidade e sequência. Também os eventos agregados à festa propriamente dita variam em seus modos de composição conforme os costumes locais. Acerca dessa diversificação, podemos citar o derrubamento e levantamento de mastro, o peditório realizado pelas folias, as danças, as brincadeiras, as procissões e os cortejos fluviais - em que os símbolos do Divino são transportados em canoas ou barcos. De

acordo com Brandão (1985), na Festa do Divino de Mossâmedes-GO, a folia se destaca como um dos rituais mais importantes da Festa.

Por vezes, os festejos dedicados ao Divino Espírito Santo se articulam a outras tradições culturais, como no caso das Cavalhadas¹⁵ na Festa de Pirenópolis, dos Congados¹⁶ nas Festas do interior de Goiás, das celebrações ligadas ao dia de Finados, que ocorrem no interior do Maranhão, entre outros exemplos que reafirmam a capacidade amalgamadora que esta Festa representa no território brasileiro (MARIANO, 2019, p.168).

FIGURAS 5, 6 – TRAJES LUXUOSOS NA FESTA DO DIVINO EM CAMPECHE, FLORIANÓPOLIS-SC



Fonte: Siuda-Ambroziak (2019)

¹⁵ As Cavalhadas podem ser descritas como um ritual que aglomera características folclóricas e religiosas, onde os participantes, montados em cavalos, simulam a luta entre mouros e cristãos. Praticada em uma das cidades de Goiás do “tempo do ouro”, está incluída nos festejos anuais de culto ao Espírito Santo (BRANDÃO, 1985, p. 165).

¹⁶ O Congado é uma manifestação cultural e religiosa de influência africana, celebrada em algumas regiões do Brasil. Originário do país do Congo e inspirado no Cortejo aos Reis Congos - uma expressão de agradecimento do povo aos seus governantes. Ao receber a colonização portuguesa, vários africanos foram trazidos para o Brasil para serem escravos e acabaram trazendo esta tradição e mesclando com a cultura local. Fonte: <<https://www.geledes.org.br/congado/>>. Acesso em 17 de jul. 2019.

Em algumas localidades, as cerimônias são mantidas num formato mais discreto e intimista, dispensando o luxo ou qualquer sinal de ostentação. Em outras, principalmente aquelas com maior apelo turístico, ou onde existe subsídio externo para os fins da organização da Festa, são realizados verdadeiros espetáculos, com ornamentos, trajes e cerimônias luxuosas, que podem ocasionar o dispêndio de significativo recurso (fig.5, 6). Atualmente, o sucesso de uma Festa do Divino está, muitas vezes, diretamente vinculado à movimentação financeira que essa proporciona, apesar de que isso, teoricamente, deveria ser uma preocupação secundária. No entanto, o lucro é muito importante, pois assegura a perpetuação da tradição e, por vezes, também constitui uma fonte de recursos para sustentação da paróquia.

O modo de circulação do alimento nas Festas realizadas no Brasil também se apresenta de forma bastante variada - coexistem refeições abertas ao público com outras mais restritas, distribuições em recintos fechados ou ao ar livre, enfim, múltiplas variações que ocorrem por conta das ressignificações da Festa quando exposta aos costumes locais. A isso, no entanto, cada vez mais se junta a necessidade de providenciar o financiamento para sua organização.

Diferente do que ocorre nos Açores, onde todas as refeições cerimoniais são distribuídas gratuitamente para todos os presentes, em Gravataí-RS, como elemento tradicional, foi preservada somente a distribuição gratuita de alimentos na forma do assim chamado “Pão do Divino” - que acontece sempre ao término da procissão. Os jantares e almoços são vendidos e o lucro obtido a partir da comercialização dos alimentos é destinado ao pagamento de despesas de manutenção da Igreja e, parcialmente, ao custeio da Festa do Divino.

FIGURAS 7, 8: ALIMENTOS COMERCIALIZADOS NA FESTA EM
CAMPECHE, FLORIANÓPOLIS-SC



Fonte: Siuda-Ambroziak (2019)

As semelhantes mudanças ocorreram na organização das Festas em Viana-ES e em Florianópolis-SC, onde os alimentos providenciados para a Festa são preparados e comercializados pelos voluntários da paróquia. Apesar das críticas que isso provoca entre alguns frequentadores das Festas, que sublinham a necessidade de providenciar os alimentos festivos para todos (MARIANO, SIUDA-AMBROZIAK, 2020, p. 106-107), vale a pena reparar que este sistema não contradiz a regra da reciprocidade: os organizadores da Festa fazem o trabalho voluntariamente, oferecendo seu tempo, esforço e habilidades para fornecer os ingredientes, cozinhar os alimentos, servi-los e, ainda, limpar o lugar após o término da Festa. Os participantes, que compram os *tickets* para os jantares, almoços, bebidas ou sobremesas contribuem, assim, também, para a reprodução da Festa, sendo o seu dinheiro “devolvido” totalmente para os fins da organização e promoção da Festa no ano seguinte.

Os alimentos servidos durante os festejos geralmente estão relacionados à gastronomia local brasileira: “[...] ao lado de alimentos confeccionados com carne de vaca, o destaque vai, em muitos casos, para a doçaria, como em São Luís, onde as mesas de bolos – ricamente decoradas – são um dos elementos centrais das festas do Divino” (LEAL, 2017, p. 62). Em algumas localidades, os alimentos servidos ainda se relacionam à manutenção das tradições dos imigrantes, sendo bastante apreciados pelos frequentadores da Festa.

Cada Festa no Brasil possui, portanto, as suas especificidades. Por exemplo, na Festa do Divino de Mogi das Cruzes, os imperadores são responsáveis em percorrer os “sub impérios”, que são formas secundárias de império, montadas em escolas e universidades, com o objetivo de auxiliar na divulgação do evento, visando influenciar as novas gerações, angariar adeptos junto à comunidade e ampliar o domínio simbólico da Festa. Segundo Moraes, “essa divulgação é um dos fatores responsáveis pelo crescimento da festa nos últimos anos” (MORAES, 2003, p. 55).

O ponto alto da Festa de Mogi das Cruzes ocorre no sábado, véspera do dia de Pentecostes, por volta das 9 horas. Trata-se da “entrada dos palmitos”, um cortejo pelas principais ruas da cidade com as bandas de músicas locais e os grupos folclóricos – congada, marujada, os cavaleiros e os carros de bois¹⁷. Ao encerramento, as pessoas se

¹⁷ Os carros de bois resgatam um passado melancólico, carregando consigo as memórias de tempos antigos daquela cidade, uma espécie de antítese da contemporaneidade. Segundo Moraes, a preservação da tradição do carro de bois “resgata a identidade local e a vida rústica do campo, que se perdeu com a modernidade” (MORAES, 2003, p. 102).

reúnem numa escola municipal para partilharem a grande refeição comunitária, quando é servido o afogado¹⁸.

A proporção alcançada pela Festa do Divino de Mogi das Cruzes-SP, no início do século XXI, viabilizou o recebimento de patrocínio por parte de grandes empresas¹⁹. No salão paroquial, além do altar do Divino, também é montada uma pequena loja onde são vendidos objetos relacionados ao culto do Divino: terços, lenços, prendedores de lenços, imagens e outros objetos. O dinheiro arrecadado com a comercialização desses produtos, somado aos valores arrecadados com os patrocínios e as vendas da quermesse, destinam-se também ao custeio da Festa.

FIGURAS 9, 10: LOJINHA DO DIVINO PARA ARRECADAÇÃO DE RECURSOS PARA A FESTA



Fonte: Siuda-Ambroziak (2018)

Na Festa em Gravataí-RS, uma das especificidades se refere à ideia de tentar celebrar o Divino de uma forma mais culturalmente atualizada. Por exemplo, na década

¹⁸ Segundo Moraes, o afogado é um prato à base de carne bovina e farinha de mandioca. Acrescenta-se alguns produtos da região, como batata, tomate maduro, legumes e temperos: salsinha, salsão, pimentão, jiló. Deixa-se cozinhar por longo tempo, em uma panela industrial, a ponto de os ingredientes chegarem a se desmanchar (MORAES, 2003, p. 126).

¹⁹ Segundo Moraes (2003, p. 47), entre as grandes empresas patrocinadoras da Festa estavam o Banco do Estado de São Paulo, a Coca-Cola, a Kaiser, a Companhia de Papéis Suzano, a Universidade Brás Cubas e a empresa de transportes Eroles Turismo. Inclusive, visando uma organização mais estruturada da Festa do Divino de Mogi das Cruzes, foi formada uma entidade jurídica reconhecida: a Associação Pró-Divino. Ver: <<http://www.festadodivino.org.br>>.

de 1960 foi programado um jantar no estilo “americano”, tendo em vista que na época a cultura americana era a representação da modernidade. Atualmente, no cardápio da Festa apareceu outro hibridismo cultural²⁰ - agora é servido churrasco, além de outros itens da culinária local. A antiga tradição de celebrar o Divino Espírito Santo foi profundamente ressignificada e inserida no calendário festivo de Gravataí, incrementando a sua divulgação e promoção do turismo com várias formas de financiamento dos festejos. Antes, a arrecadação ficava restrita às folias e outras contribuições da comunidade local. Atualmente, esses recursos são provenientes, principalmente, de patrocínios oriundos dos comércios e indústrias locais. Isso foi ressaltado por Cruz (2014) ao analisar, entre outras coisas, o material gráfico utilizado na divulgação da Festa como “produto turístico”, que provocou o enquadramento da Festa num formato mais dinâmico. Nesse sentido, cabe ressaltar a substituição das novenas pelos tríduos: além da diminuição no número de dias (passando de nove para três), também foram incluídos os jantares pagos e as apresentações culturais. Tal iniciativa, além de possibilitar a socialização entre os frequentadores, também contribuiu para o custeio da Festa, a partir da comercialização de convites. Em várias localidades são também as autoridades municipais que muitas vezes participam ativamente da preparação da Festa e promovem as comemorações.

FIGURAS 11, 12: MUSEU DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS, ATRAÇÃO TURÍSTICA PROMOVIDA PELA PREFEITURA MUNICIPAL



Fonte: Siuda-Ambroziak (2021)

²⁰ Conforme Peter Burke (2003, p. 23), exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em todos os domínios da cultura, incluindo culinária.

A Festa nos EUA e no Canadá

A emigração açoriana para os países da América do Norte, ocorrida aproximadamente entre 1860 e 1930, tinha como principal destino a Califórnia e os estados que integram a Nova Inglaterra, nos EUA. A motivação inicial deste ciclo migratório estava na atuação de trabalhadores na caça às baleias, porém, após o declínio dessa atividade laboral, outros tipos de trabalho passaram a ser exercidos pelos imigrantes açorianos. Em meados do século XX, entre os anos de 1960 a 1980, houve uma nova movimentação de açorianos para a América do Norte. Dessa vez, além dos destinos já conhecidos, os emigrantes também se deslocaram para as cidades de Toronto, Montreal e Vancouver, no Canadá.

A recriação das Festas do Espírito Santo em solo norte americano ocorreu logo após a chegada dos imigrantes às localidades. Iniciou na cidade de Carmelo, na Califórnia, em 1865 e, cerca de uma década após, em 1877, também se estabeleceu em Fall River, na Região da Nova Inglaterra. Nas décadas seguintes, houve uma rápida multiplicação das Festas nos EUA, acompanhando o expressivo crescimento do processo migratório: até o final dos anos 1920, cerca de 150 Festas do Espírito Santo foram registradas. Por volta dos anos 1930, com o declínio desse primeiro ciclo migratório para os EUA, o movimento de recriação das Festas começou a enfraquecer. Entretanto, a partir dos anos 1960, segundo Leal (2017), “com a segunda vaga migratória açoriana, o movimento de recriação das festas ganhou um novo fôlego. Festas moribundas ou interrompidas foram revitalizadas, e outras foram criadas” (p. 51).

No Canadá, a primeira Festa do Espírito Santo ocorreu em 1962, na cidade de Cambridge, em Ontário. Além dessa, outras cinco Festas também foram criadas durante o mesmo período. Nas décadas subsequentes, entre os anos de 1970 e 1980, houve um aumento expressivo no surgimento de novas Festas, contabilizando cerca de 50 novas Festas no país. Entretanto, na última década do século XX, de forma semelhante ao que ocorreu nos EUA, por ocasião do declínio da imigração açoriana para o Canadá, o movimento de surgimento ou recriação de Festas declinou consideravelmente. Segundo Leal (2017, p. 52), atualmente são realizadas, aproximadamente, 290 Festas na América do Norte. Desse número, 201 Festas ocorrem nos EUA (99 na Califórnia, 91 na Nova Inglaterra, 11 na Flórida e regiões próximas) e 87 no Canadá (59 em Ontário, 11 no Quebec, sete na Columbia Britânica e Alberta e três em Manitoba).

Acredita-se que a maioria das Festas realizadas na América do Norte seja celebrada a partir do modelo dominante da ilha de referência de quem produz os festejos. Entretanto, com o passar do tempo, as Festas do Espírito Santo nos EUA passaram a adotar soluções mais uniformizadas, tendo em vista a influência da Irmandade do Divino

Espírito Santo (IDES) - instituição federativa que abarca a organização de diferentes Festas no país.

FIGURA 13: SEDE DA IDES LOCALIZADA EM SAN JOSÉ,
CALIFÓRNIA - EUA



Fonte: Mariano (2010)

A organização das Festas do Espírito Santo, ao mesmo tempo em que obedece às referências das origens dos imigrantes, também passa por ressignificações em sua execução quando entra em contato com a cultura local do país de acolhimento. Sobre essa questão, acrescenta Leal (2017):

as festas do Espírito Santo na América do Norte tornaram-se distintivamente norte-americanas e configuraram-se gradualmente como dispositivos essenciais para a produção de novas formas de religiosidade, sociabilidade e identidade dos portugueses de origem açoriana e como instrumentos importantes de negociação da sua inserção cultural e social na paisagem multicultural da ‘terra de acolhimento’ (LEAL, 2017, p. 55).

FIGURA 14 – RAINHAS (*QUEENS*) NO CORTEJO DO ESPÍRITO SANTO EM SAN JOSÉ, CALIFÓRINIA – EUA



Fonte: Mariano (2010)

Entre as modificações que mais se destacam podemos citar a introdução das rainhas ou *queens* na sequência ritual das Festas. As *queens* são representadas por meninas ou adolescentes, vestidas com trajes luxuosos, que assumem um papel de destaque nas Festas do Espírito Santo realizadas na América do Norte. Essa inovação teve origem na Califórnia durante as primeiras décadas do século XX e foi responsável por acrescentar uma “feição marcadamente norte-americana aos festejos” (LEAL, 2017, p. 54), sendo posteriormente adotada em outras Festas nos EUA e no Canadá.

As Festas do Espírito Santo na América do Norte geralmente são realizadas no domingo de Pentecostes, porém, existem variações. No Canadá elas podem ocorrer entre os meses de maio e junho. Já nos EUA, o recorte temporal se estende um pouco mais, podendo ocorrer entre os meses de maio a setembro.

Na América do Norte, a coroa é o símbolo dominante de representação da divindade. A variação, neste caso, se reserva à diversidade de modelos e à quantidade de coroas utilizadas durante os festejos (em Toronto, no Canadá, existem Festas que utilizam até 23 coroas). Além da coroa, a presença dos altares também é comum na realização das Festas do Espírito Santo na América do Norte. No Canadá, os altares são mais simples, enquanto nos EUA, são elaborados com excesso de detalhes e maior riqueza de ornamentos.

Na maioria das Festas da América do Norte, o coroado é um adulto - geralmente o próprio imperador. Em alguns casos a coroação pode incidir sobre uma criança, escolhida pelo imperador ou pelo mordomo. No caso específico da Califórnia - EUA, o imperador também é coroado, entretanto, o destaque do ritual é direcionado para as rainhas (fig.15).

FIGURA 15 – CERIMÔNIA DE COROAÇÃO NA IGREJA DE SAN JOSÉ,
CALIFÓRNIA – EUA



Fonte: Mariano (2010)

A distribuição de refeições cerimoniais durante os festejos do Espírito Santo é bastante variável. Simultaneamente às distribuições públicas, também ocorrem

distribuições porta a porta e outras refeições mais restritas - uma prática comum, tanto nos Açores quanto na América do Norte, que visa privilegiar os envolvidos na organização e alguns convidados especiais do imperador e/ou do mordomo.

Com relação à circulação do alimento nas Festas do Espírito Santo, apesar das acentuadas diferenças culturais, muitas semelhanças ainda permanecem nos rituais dos EUA, como, por exemplo, o consumo das sopas do Espírito Santo com fatias de pão de trigo, não sendo, no entanto, tratados como uma regra obrigatória – as festas fiéis ao tradicionalismo coexistem com outras, onde a inovação é a palavra de ordem.

FIGURA 16 – SOPA DO ESPÍRITO SANTO SERVIDA NA FESTA DE
SAN JOSÉ, CALIFÓRNIA-EUA



Fonte: Mariano (2010)

Sobre esse aspecto, citamos a presença de refeições com mariscos e peixe grelhado em algumas Festas da Califórnia (GOULART, 2002) e dos *sushis* comumente servidos nas Festas do Canadá (LEAL, 2017).

A responsabilidade pela organização dos festejos é assumida pelas irmandades que, geralmente, possuem sedes próprias e um calendário de atividades diversificadas que ocorrem ao longo do ano. As irmandades servem como polos agregadores das comunidades açorianas, nos diferentes locais onde estão instaladas.

Considerações finais

De acordo com Leal (2017, p. 65-66):

ao viajar, o culto ao Divino diversificou-se, diferenciou-se, transformou-se. Os processos através dos quais essa diversificação ocorreu não são fáceis de identificar, devido à escassez de fontes. Mas, onde existe informação, esta sugere que esses processos envolvem, em quantidades variáveis, inspiração em modelos rituais preexistentes, criadoras de novas soluções rituais.

Essa improvisação cultural tanto pode ser pragmática, procurando criar ajustamentos a novas condições materiais e sociais, como playful, isto é, orientada para a exploração de novas potencialidades expressivas. A recriação – e a sua lógica de autenticidade – é importante em muitos contextos, mas a hibridização é em muitos casos a nota dominante.

A celebração festiva do Espírito Santo se estabelece como uma tradição religiosa, vinda da herança cultural açoriana. No entanto, alguns elementos estão se transformando também no Arquipélago, como, por exemplo, as datas da celebração, ligadas cada vez mais à disponibilidade dos imigrantes para a viagem de retorno para organizá-las e custeá-la nos Açores. Da mesma maneira, objetivando a adaptação individual e/ou coletiva no novo território, os açorianos chegados às Américas incorporaram na Festa, como resultado da sua trajetória transatlântica, vários elementos locais, moldando as suas características nas terras de acolhimento, mas, conseguindo preservar as singularidades da tradição. Nos EUA e no Canadá entre as modificações presentes estão a introdução das *queens* e do cardápio local, e no Brasil, dependendo da região, a introdução do mastro e dos capitães do mastro; dos foliões para arrecadação dos recursos; da comercialização da Festa com pagamentos pela comida, atrações para os turistas, subsídios por parte das autoridades locais e empresas; de "sub impérios", "entradas de palmitos" e cavalhadas como elementos fixos do *script* da Festa; do cardápio local; das passagens da bandeira nos hospitais, lares de idosos, escolas, etc.

Apesar das novas dinâmicas somadas às suas referências, as principais tradições da Festa continuaram sendo preservadas e difundidas, mostrando sua capacidade de reprodução com várias atualizações, até mesmo num cenário conflituoso entre o que

podemos classificar como o certo e o errado, o popular e o de massa, o sagrado e o profano...

As transformações e/ou ressignificações ocorrem praticamente em todas as Festas do Divino realizadas no Brasil e em países da América do Norte. Em nosso entendimento, elas refletem um processo muito amplo de adaptação da Festa depois da sua trajetória transatlântica, que envolve um conjunto de mudanças socioculturais.

A diversidade tornou-se uma característica marcante das Festas do Espírito Santo nas suas trajetórias transatlânticas, com a exposição a vários fenômenos e processos, de diferenciação e de hibridização. Essa diversidade, gerada pelo contato com outras culturas, no outro continente durante sua expansão, faz esta tradição ainda hoje viva e atraente, não somente para os descendentes dos açorianos. As trajetórias e transformações transatlânticas da Festa não conseguiram enfraquecê-la nas Américas, onde todo sistema das trocas ligadas à sua organização continua sendo preservado e procurado por questões do convívio comunitário, promovendo relações sociais. Os mecanismos de reciprocidade e de retribuição ainda permaneceram como elemento comum e importante para todas as Festas do Divino, independentemente do lugar onde são realizadas.

Referências

- ARAÚJO, A. M. *Festas, bailados, mitos e lendas*. V. 1. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BALESTRERO, Heribaldo Lopes. *Subsídios para o estudo da geografia e da história do município de Viana*. 2. Ed. Viana - ES: Ed. JEP Gráfica, 2012. Primeira edição em 1951.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memórias do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário de Folclore Belo Horizonte*. Minas Gerais: Itatiaia, 2000.
- CONTINS, Maria; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A escassez e a fartura: categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Orgs.). *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida. A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820). *Arquipélago*. História, 2ª série, VII (2003). Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/384/1/Carlos_Cordeiro_p99-122.pdf>. Acesso em 09 de mai. 2017.
- CRUZ, Jairton Ortiz da. *A festa do Divino Espírito Santo em Gravataí/RS ao longo dos séculos XX – XXI*. (Dissertação - Mestrado em História). São Leopoldo, Unisinos, 2014.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, 1989. Tradução e notas de Sérgio Milliet.

GOULART, Tony (Ed.). *Holy Ghost Festas*. A Historic Perspective of the Portuguese in California, San Jose CA, Portuguese Chamber of Commerce. 2002.

LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia Social* (Coleção Portugal de Perto; 29). Lisboa: 1ª edição. Publicações Dom Quixote, 1994.

_____. **O culto do divino: migrações e transformações**. Lisboa: Edições 70, 2017.

MARIANO, Fabiene Passamani. *A Festa do Divino em Viana no século XXI: memórias afetivas na construção de uma açorianidade capixaba*. (Tese - Doutorado em História). Vitória, Ufes, 2019. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8701_FABIENE%20Tese%20vers%0E3o%20Novembro%20%282%29.pdf

MARIANO, Fabiene Passamani; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Açorianidade e brasilidade nas Festas do Divino: o caso de Viana (ES). In: *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*. Vol. 26, 2020, pp: 83-110.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. *Em louvor do Divino Espírito Santo – Fotomemória*. Região Autônoma dos Açores: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Portugueses: Deslocamentos, Experiências e Cotidiano – São Paulo séculos XIX e XX*. Bauru, SP: Edusc, 2013.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MEDINA, João Manuel Magina. *O Ciclo do Espírito Santo / The Holy Ghost Cycle*. Açores: Nova Gráfica, 2007.

MORAES, Fernando Oliveira de. *A Festa do Divino em Mogi das Cruzes: folclore e massificação na sociedade contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia. *Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.

PEREIRA, Manoel Nunes. *O Sabiré e o Marabaixo*. Recife: Fundaj, Massangana, 1989.

PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1998.